

PLATÃO E A EDUCAÇÃO: POSSÍVEL INTER-RELAÇÃO ENTRE A ALEGORIA DA CAVERNA E A ANIMAÇÃO OS CROODS

Débora Santos Couto¹

RESUMO

Este artigo, de cunho qualitativo e bibliográfico, propõe um diálogo entre a *Alegoria da Caverna* (Platão, 1997) e a animação *Os Croods* (2013). Pretende ver possíveis aproximações, bem como identificar a concepção de educação presente na narrativa platônica e na animação *Os Croods*. Recorre à Sociologia da Infância, em especial as contribuições de Sarmiento (2007; 2008), na medida em que se compreende que a animação produzida se configura como produção cultural direcionada ao público infantil, que, historicamente, dado o contexto social de sua inserção, nem sempre teve as particularidades dessa etapa consideradas. Inferimos que a concepção de educação está permeada pelo contexto histórico no qual uma determinada sociedade está inserida, com a saída da caverna sendo considerado como fator de alcance de uma educação idealizada.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Platão; Alegoria da Caverna; Os Croods.

ABSTRACT

This qualitative and bibliographical article proposes a dialogue between the *Allegory of the Cave* (Platão, 1997) and the animation *The Croods* (2013). It intends to see possible approximations, as well as to identify the conception of education present in the platonic narrative and in the animation *The Croods*. It refers to the Sociology of Childhood, especially the contributions of Sarmiento (2007, 2008), insofar as it is understood that the animation produced is configured as a cultural production aimed at children, which, historically, given the social context of their insertion, not always had the particularities of this stage considered. We infer that the conception of education is permeated by the historical context in which a certain society is inserted, with the exit of the cave being considered as a reach factor of an idealized education.

KEYWORDS: Education; Platão; Allegory of the Cave; The Croods.

Considerações iniciais

Quando recorremos à perspectiva da Sociologia da Infância, cujos estudos remetem, notadamente, segundo Sarmiento (2008), ao século XX, chegamos a compreensão de que, com base em uma determinada realidade histórica, esta reflete na delimitação do lugar socialmente

¹ Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade Vitoriana de Tecnologia(2011), graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo(2016) e ensino-medio-segundo-graupela Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Aflordízio Carvalho da Silva(2003). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem.

ocupado pela criança, bem como a concepção que dela se tem e, por conseguinte, ao que a ela será direcionado, seja no âmbito da educação, saúde, políticas públicas ou produção cultural, inscrevendo-se, dentre eles, a produção cinematográfica.

Assim, neste trabalho, julgamos pertinente rememorar sobre as diferentes concepções que se tinha de infância e criança dentro das especificidades dos períodos da Antiguidade, especificamente no que concerne ao contexto grego, Idade Média, bem como da Idade Moderna e as implicações de tal movimento nas dimensões educacional e de produção cultural endereçada à criança. E se é possível conceber a existência de uma produção desta natureza direcionada ao público infantil, partimos do pressuposto de sua visibilidade. Atributo que, historicamente, nem sempre existiu.

Ao realizar tal movimento, temos por intuito contextualizar a possível inter-relação entre a *alegoria da caverna*, de Platão, e a animação cinematográfica *Os Croods* (2013), no intuito de identificar em que medida se aproximam e qual a concepção de educação presente em seu conteúdo.

Infância e criança: um breve panorama

Segundo Faria (1997), na construção de significados sobre a infância, a criança é percebida de diferentes formas pela sociedade, dado a relação social vigente de uma determinada época. Para o autor, de acordo com a formação social o olhar direcionado à infância será distinto.

Na Antiguidade, especificamente o contexto da Grécia antiga, dado sua influência na construção da filosofia de Platão, neste encontraremos, conforme Manacorda (2006), características da educação praticada no antigo Egito. Dentre elas, inscreve-se a dimensão política da educação, voltada para o exercício do poder, que seria desempenhado por membros da classe dominante, com alusão à escola de Pitágoras e à ideia de distinção entre dominante e dominado.

Eis uma segunda característica da educação praticada em território grego, prevendo a “[...] a separação dos processos educacionais segundo as classes sociais” (MANACORDA, 2006, p. 41). Considerada como um processo de educação específico, a escola, com um público alvo de governantes, deveria “[...] preparar para as tarefas do poder, que são o “pensar” ou o “falar” (isto é, a política) e o “fazer” a esta inerente (isto é, as armas) [...]”,

sendo que “[...] para os produtores governados nenhuma escola inicialmente, mas só um treinamento no trabalho” (MANACORDA, 2006, p. 41).

O cidadão (homem, livre) de classe superior, era preparado para as guerras. Futuramente, esse mesmo cidadão poderia se tornar um governante, sendo imprescindível dominar a arte do pensar e do falar, da retórica. Para a educação dedicada à criança, permeada por condições políticas, de classe social, de gênero, dentre outras, segue-se um fluxo de

Primeiro, pais, nutriz e pedagogo; em seguida, a recente figura do gramático; o citarista e o pedotriba, em escolas privadas abertas ao público; enfim, aos cuidados da cidade, a aprendizagem das leis, isto é, dos direitos e deveres do cidadão. Esta é a carreira educativa nas escolas de Atenas em particular e, presumivelmente, também nas outras cidades (MANACORDA, 2006, p. 53).

Com base nessa conjuntura social, pode-se destacar, pelo menos, três aspectos sobre o tema. O primeiro deles, cabe a figura do pedagogo, presente na ação educativa privada, pessoal. Tal atribuição não pressupõe nenhum estudo específico para o exercício, contando, na verdade, com uma característica peculiar. Conforme o autor,

Nas famílias encontramos também o “pedagogo”: ele acompanha as crianças à escola e em parte exerce a função de mestre, ou pelo menos a de repetidor para elas; é um escravo e, em geral, um estrangeiro; mais raramente e só de modo temporário (isto é, até previsível resgate), também um grego forasteiro, escravo numa cidade que não é a sua (MANACORDA, 2006, p. 48).

O que nos leva ao segundo aspecto: a figura do mestre. No âmbito público, mas não gratuito, era necessário remunerar a educação por ele ofertada. Segundo Manacorda (2006), este ofício era, inicialmente, exercido pelo grego livre ou pessoas na mesma condição, que na Antiguidade pertenciam a um determinado seguimento da classe social política e economicamente dominante. Contudo, perderam seus bens, carregando, assim, o estigma de alguém decaído, sendo mal remunerado e malvisto, pois era considerado indigno cobrar para ensinar. A eles era recomendado “[...] que cuidem do bom comportamento da criança mais do que do ensino das letras e da cítara. E disto cuidam especialmente os mestres” (MANACORDA, 2006, p. 53).

O terceiro, e último, aspecto a se considerar é a influência da instituição da escola do alfabeto, com o nascimento da escola escrita. A transmissão do conhecimento, anterior à instituição da escrita, valorizava a oralidade. Neste novo cenário, a *mnemônica*² voltava-se

² Referente à memória.

para a apropriação da escrita. Apesar do distanciamento entre as respectivas épocas, é possível identificar aproximações entre a didática praticada na Antiguidade e aquela que se apresenta na contemporaneidade, sendo possível, por meio de um estudo mais detido, reconhecer características que constituíram o processo de alfabetização das gerações não tão distantes: avós, pais, tios e, podemos arriscar a dizer, talvez até mesmo a nossa.

Já no que cabe à Idade Média e Moderna, conforme Sarmiento (2008), o estudo diferenciado acerca da infância pode ser considerado como reflexo da Modernidade, com os estudos de Philippe Ariès tendo influenciando tal movimento. Ao estabelecer uma gênese para o que denomina como sentimento de infância, Ariès aponta para a inexistência deste no período da Idade Média, atribuindo o fenômeno ao período moderno. Há, no entanto, ao se recorrer às contribuições de Ariès, de se considerar as controvérsias que, de acordo com Sarmiento (2007), circundam seus estudos. Destarte, recorrer ao seu trabalho não é desconsiderar este aspecto, mas conhecer uma das perspectivas existentes no que refere aos estudos quanto a imagem encontrada da criança.

De acordo com Faria (1997), essa invisibilidade dedicada à criança estava ligada a aspectos que permeavam: a conjuntura familiar da época; a considerar a criança como um adulto em miniatura e a infância como sendo uma fase passageira, e de transição para a vida adulta, necessitando a criança aprender as tarefas para quão logo exercê-las e participar do trabalho; o alto número de filhos por família, o que resultava tanto na garantia de assegurar o patrimônio por parte de herdeiros quanto em uma quase insensibilidade dos pais, mas não falta de afeição, frente à perda de um filho; o que nos leva a citar um último aspecto, ligado às condições precárias impostas pela realidade vivida, o que refletia diretamente nas taxas de mortalidade infantil.

Como reflexo do último aspecto apresentado, Ariès (1986) aponta o não registro da figura de um membro infantil da família, visto que

Ninguém pensava em conservar o retrato de uma criança que tivesse sobrevivido e se tornado adulta ou que tivesse morrido pequena. No primeiro caso, a infância era apenas uma fase sem importância, que não fazia sentido fixar na lembrança: no segundo, o da criança morta, não se considerava que esta coisinha desaparecida tão cedo fosse digna de lembrança [...] (ARIÈS, 1986, p. 56).

Temos, então, na Idade Média, a concepção de que a infância é uma fase sem importância, com as particularidades dessa etapa não sendo consideradas. O reflexo desse

pensamento podia ser percebido nas vestimentas das crianças, que possuíam as mesmas modelagens que as dos adultos.

Somente a partir da Idade Moderna é que teremos a criança como ser passível de receber importância (FARIA, 1997). Tal ideologia pode ser considerada um “reflexo” dos desdobramentos que culminaram na decadência do sistema feudal e resultaram tanto no advento do capitalismo, a Revolução Industrial, as influências recebidas por parte do Iluminismo, a configuração do Estado Moderno, que iniciou um processo de atendimento à infância.

Tais eventos delimitaram novos parâmetros sociais. Segundo o autor, “No período de transição do feudalismo para o capitalismo ocorreram, na Europa Ocidental, alterações nas relações sociais que tiveram reflexos na organização familiar, escolar, e no sentimento de infância” (FARIA, 1997, p. 12). Assim, as configurações sociais que ecoam do sistema capitalista imprimem novas nuances à infância, e consequentemente à imagem da criança.

Com o advento da modernidade a infância passou a ter visibilidade. Sobre ela imprimem-se imagens sociais (SARMENTO, 2007). Dentre elas, pode-se apontar a de Thomas Hobbes, para quem a criança era má e necessitava ser controlada. Em contrapartida à concepção de Hobbes, Rousseau, concebeu a criança como um ser inocente. Para John Locke, temos a criança imanente, como um ser que não era, mas que viria a ser; um adulto. A criança em *devoir*, e tida como uma tábula rasa em que poderiam ser inscritos ensinamentos, no intuito de moldá-la.

Nessa nova conjuntura familiar e social, a criança “[...] passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinada” (ZILBERMAN; LAJOLO, 1984, p. 17). Assim

A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir essa missão (ZILBERMAN, 2003, p. 15).

Nessa perspectiva, de controle emocional e intelectual da criança, é que a escola se constitui como mecanismo que é “[...] convocada a colaborar para a solidificação política e ideológica da burguesia [...]” (ZILBERMAN; LAJOLO, 1984, p. 17). E o faz, também, por meio da literatura destinada a esse público, à medida que “os primeiros textos para crianças

são escritos por pedagogos e professoras, com marcante intuito educativo” (ZILBERMAN, 2003, p. 15 e 16).

Com a burguesia ascendente influenciando a ideologia da escola, esta adquire um sistema próprio de funcionamento, tanto no aspecto físico quanto no pedagógico. No que cabe ao fator físico, conforme Zilberman (2003), a instituição teria assumido um regime de clausura. O que reflete diretamente na prática pedagógica, pois a burguesia torna-se responsável tanto por sua estrutura “[...] claustal, como pela elaboração do conjunto de ideias que justifica a validade da educação e suas principais concepções e atividades” (2003, p. 22). Dessa forma, dentre outras atribuições, a escola passou a transmitir, de forma normativa, a ideologia praticada pela sociedade burguesa.

Platão e a alegoria da caverna

Tendo em vista o intuito de compreender sua influência, tanto no pensamento de Platão, quanto na elaboração da *alegoria da caverna*, presente na sua obra *A República* (1997), retornemos ao território grego. De acordo com Brandão (2007), no contexto cultural grego, notadamente na Grécia antiga, o desenvolvimento ocorria circundado pelos acontecimentos vinculados à *pólis*, a cidade-Estado.

Essa organização acarretava implicações nas dimensões política, educacional, de crença e tradição, bem como refletia na relação do homem grego com a cidade-Estado. Dessa circunstância de vida emergiu Platão, o ateniense nascido em 428-7 a.C. Viveu na fase considerada como áurea da democracia, se interessando por assuntos relacionados à política, inicialmente, e à filosofia. Recorremos a este contexto por considerar pertinente resgatar a concepção de educação da época. Para Brandão (2007),

Da maneira como existe entre nós, a educação surge na Grécia e vai para Roma, ao longo de muitos séculos da história de espartanos, atenienses e romanos. Deles deriva todo o nosso sistema de ensino e, sobre a educação que havia em Atenas, até mesmo as sociedades capitalistas mais tecnologicamente avançadas têm feito poucas inovações (BRANDÃO, 2007, p. 35).

Na antiga cultura grega, o homem educado era concebido como obra de arte perfeita, com sua prática acontecendo em todos os ambientes da vida coletiva em comunidade, culminando na *Paidéia*, ou seja, na forma educacional considerada perfeita. Dessa forma,

A República é a idealização de uma cidade perfeita, uma cidade modelo dirigida por filósofos, onde a divisão de tarefas se aplica à totalidade de cidadãos. Uma cidade justa só pode ser povoada por cidadãos igualmente justos (LAZARINI, 2007, p. 04)

A alegoria da caverna dramatiza a ascensão da alma. Nela, Sócrates é protagonista e narrador, e Glauco é um dos que escuta. As reflexões se desdobram em torno da proposição feita por Sócrates a Glauco: imagine a condição de homens que desde a infância encontram-se presos em uma caverna, acorrentados pelas pernas e pescoço por correntes que lhes impossibilitavam a mobilidade. Além da condição de clausura e aprisionamento, tais homens estão reféns apenas do que vislumbram através das sombras que lhes chegam por meio de uma luz projetada por uma fogueira acesa, localizada em uma colina às suas costas.

Há uma estrada, permeada por um muro, localizada entre o fogo e os prisioneiros, onde passam transportadores de toda diversidade de objetos. Dada à projeção dessa dinâmica no interior da caverna, questiona-se se tais sombras não seriam tomadas por verdades pelos homens que nela se encontram. Caso um dos prisioneiros se libertasse, é provável que passasse a questionar a veracidade do que via, podendo tomar por verdadeiro justamente as sombras a que estava habituado, e não o que pode visualizar.

Sendo ele retirado da caverna e aos poucos habituado aos componentes de seu exterior, por certo terá o desejo de compartilhar as novas com seus companheiros de confinamento. Ao retornar, porém, certamente precisará se habituar as condições daquele lugar, tendo que se adaptar a sua pouca luz, por exemplo. Fato que tais habitantes podem colocar em suspensão, ao considerar se as condições exteriores à caverna são assim favoráveis ou não. Tal alegoria é posta com vistas a comparar

[...] o mundo que nos cerca com a vida da prisão na caverna, e a luz do fogo que a ilumina com a força do Sol. Quanto à subida à região superior e à contemplação dos seus objetos, se a considerares como a ascensão da alma para a mansão inteligível [...]. no mundo inteligível, a idéia do bem é a última a ser apreendida, e com dificuldade, mas não se pode apreendê-la sem concluir que ela é a causa de tudo o que de reto e belo existe em todas as coisas; no mundo visível, ela engendrou a luz e o soberano da luz; no mundo inteligível, é ela que é soberana e dispensa a verdade e a inteligência; e é preciso vê-la para se comportar com sabedoria na vida particular e na vida pública (PLATÃO, 1997, p. 228).

Infere-se dessa alegoria que

[...] a educação não é o que alguns proclamam que é, porquanto pretendem introduzi-la na alma onde ela não está, como quem tentasse dar vista a olhos cegos. [...] A educação é, pois, a arte que se propõe este objetivo, a

conversão da alma, e que procura os meios mais fáceis e mais eficazes de o conseguir. Não consiste em dar visão ao órgão da alma, visto que já a tem; mas, como ele está mal orientado e não olha para onde deveria, ela se esforça por encaminhá-lo na boa direção (PLATÃO, 1997, p. 229)

Pressupõe-se, desta forma, uma educação cujos excessos fossem podados desde a infância, disciplinando o cidadão, eliminando os fatores negativos que porventura pudessem prejudicar a vida em sociedade, orientando-os à verdade, tendo em vista a fortificação do Estado.

A alegoria da caverna e a animação *Os Croods*: um diálogo possível

Os Croods (2013), é um filme de animação criada e dirigida por Kirk de Micco e Chris Sanders, com produção dos estúdios *DreamWorks*. A história se passa na pré-história, e os protagonistas são membros de uma família neandertal. O grupo segue o modelo de família patriarcal: Grug (pai), Ugga (mãe), Vovó (avó materna), Eep (filha mais velha), Thunk (filho do meio), e Sandy (filha mais nova).

A família vive em um bioma hostil, com predadores que os põe em constante perigo. Grug, o patriarca da família, preocupado com a sobrevivência desta, opta por um estilo de vida de clausura, no interior escuro de uma caverna. A rotina familiar é regida por proibições, com regras gravadas nas paredes da caverna em que residem, sendo a principal regra a que proíbe a saída da caverna, principalmente à noite, salvo as ocasiões em que precisam caçar para se alimentar.

Nesse contexto, a educação assume um caráter cuja finalidade é promover o cerceamento da criatividade, socialização e curiosidade, que são vistos como sendo algo ruim, um problema, que pode provocar a morte. Teme-se o que é novo ou diferente. Assim como na alegoria de Platão, consideradas as particularidades de cada situação, na maior parte do tempo os personagens encontram-se no interior da caverna. No primeiro caso, por um aprisionamento mais extremo, e, no segundo, por um aprisionamento que não lhes restringe a mobilidade, mas lhes é imposto, até que todos se apropriem do ensinamento, restringido a si próprios da liberdade. Passam a atender a educação que recebem, que vislumbra a sobrevivência.

Atitudes que são constantemente questionadas por Eep, que não compreende o porquê dessa dinâmica. Segue o que lhe é imposto. Ela questiona, mas não consegue se libertar desse modelo de sobrevivência. Porém, quando sua caverna é preenchida por uma

luz, que desconhece, e tem a curiosidade despertada pelas sombras projetadas, ela desobedece a norma. À noite, sai da caverna em busca de descobertas.

Sua concepção da realidade, na qual vive, é limitada. Eep reage da mesma forma que a personagem que saiu da caverna na *alegoria* de Platão, ao ponto de mal reconhecer um semelhante quando encontra um. Ao se deparar com Guy, personagem desbravador que adentra seu território, não identifica nele um semelhante. Não compreende seus hábitos, sua forma de comportamento, tampouco como sobreviveu tendo um estilo de vida tão diferente do seu. É apenas a partir do contato prolongado com a figura do jovem aventureiro, socialmente mais desenvolvido naquele momento, que tanto Eep quanto sua família percebem a dimensão do mundo em que vivem e da condição apocalíptica deste.

Desdobra-se, assim, um movimento de descobertas (fogo, animais, biomas), resistências ao novo, medo do desconhecido, desenvolvimento da linguagem, processo de nominar o que antes desconheciam, produção de objetos de uso social, dentre outras atividades que posteriormente permitirão sua adaptação ao novo modo de vida.

Considerações finais

Assim como na *alegoria da caverna*, é possível inferir que a concepção de educação, que subjaz a animação - *Os Croods* -, remete a uma educação que promova a libertação da caverna que se coloca enquanto fator de aprisionamento, tanto do corpo físico quanto da ascensão da alma.

No caso da *alegoria*, essa libertação visa a educação para uma formação intelectual, filosófica, que por sua vez não é acessível a todos, mas a alguns poucos escolhidos, favorecidos social e economicamente. Tal processo de ascensão, segundo Lazarini (2007), pode ser difícil e doloroso. Demanda abandonar a escuridão da caverna. Ir além do plano das ideias e da mera observação do real, visando o bem. A autora analisa que “A concepção de educação platônica está associada, portanto, à prática do bem. O bem só pode ser praticado através da busca da verdade, do amor pela sabedoria, e através do esforço reflexivo de cada um” (LAZARINI, 2007, p. 47).

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Phillip. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro. 1986.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense. 49" reimpr. da 1. ed. de 1981. 2007.
- FARIA, S. C. **História e políticas de educação infantil**. In: KRAMER, S. et al (Orgs.). **Educação Infantil em curso**. Rio de Janeiro: Ravil, 1997.
- LAZARINI, Ana Lucia. **Platão e a educação: um estudo do livro VII de A república**. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/252980/1/Lazarini_AnaLucia_M.pdf. Acesso em: 08/12/2017.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- SARMENTO, Manuel J.; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Coleção Ciências Sociais da Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- _____, Manuel J. **Visibilidade social e estudo da infância**. In: VASCONCELOS, Vera M.; SARMENTO, Manuel Jacinto(orgs). **Infância (In) Visível**. Araraquara. Junqueira e Marin, 2007.
- PLATÃO. **A república**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- ZILBERMAN, Regina e LAJOLO, Marisa. **Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias**. São Paulo. Ática. 1984.
- _____, Regina. **A literatura infantil na escola**. 2. ed. São Paulo: Global. 2003.